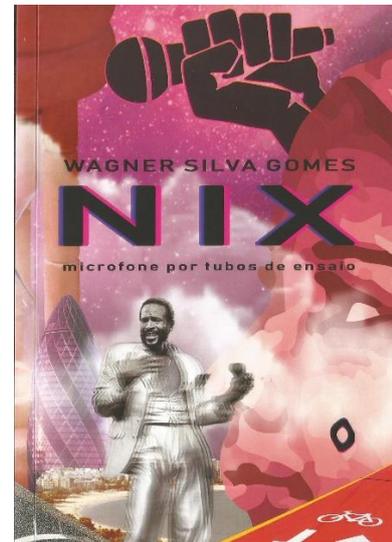


GOMES, Wagner Silva. *Nix: microfone por tubos de ensaio*. Vitória: Pedregulho, 2018.

Cibele Verrangia Correa da Silva*



Quando recebi *Nix: microfone por tubos de ensaio* (2018), a princípio, senti um certo desconforto do desafio de ter sido interpelada a produzir uma resenha crítica, poética, de um jovem escritor negro capixaba, ainda desconhecido por mim, que traz em sua arte a hibridez entre a música e a literatura, bem como a denúncia e a crítica política, o recorte racial e de gênero, com a incumbência de produzir um texto que fosse convidativo, ao

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

mesmo tempo, fiel ao meu olhar, que para além de ser crítica da área da literatura negra, da literatura negra de autoria feminina e das literaturas africanas de língua portuguesa, tivesse a verdade e o comprometimento do relato de quem ama a literatura e a vive como a própria história de si.

Aceitei a provocação da encomenda, não como quem se debruça na arte da escrita sangrando, mas, ainda que jorrando gotículas do líquido rubro e viscoso, tão associado à dor e ao deleite, instigada a sentir o que uma tal Nix, com seu microfone e, ainda por cima em tubos de ensaio, podia me mostrar. E como numa experiência alquímica, fui me permitindo ser invadida pelas misturas catalisadoras e precipitadas que a obra e sua autoria propõem.

Nosso autor, Wagner Silva Gomes, nasceu em 1987 e foi criado na periferia de Cariacica/ES, num lugar conhecido como Mangue Seco. É graduado em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2014) e pós-graduado em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Faculdade Estácio de Sá (2018). Trabalha como professor na rede municipal de Vitória e como educador social de Abrigo.

A ideia da escrita da obra, *Nix: microfone por tubos de ensaio*, surgiu a partir de um roteiro escrito pelo professor Luís Eustáquio para o programa "Teatro do Desoprimido", da Rádio Universitária, em que Wagner Silva fazia a personagem Malcolm X. O livro foi enviado para um concurso da editora Fractal, de São Paulo, mas como teria que modificar a ideia original, resolveu investir em outra editora, então, passou para Marília Carreiro da editora Pedregulho que topou publicar.

Mergulhando no texto, já desde o início da narrativa, o que faz sentir a sensação da experiência é a própria mistura textual, que ora se faz em poesia, ora em prosa. O estranhamento logo é dissipado, pois a mistura é tão harmônica, doce, que mesmo as substâncias parecerem ser tão diferentes e impossíveis de serem hibridizadas, nosso autor, com sua pipeta, consegue fazer a homogeneização quase perfeita no contato entre ambas as formas do pseudo romance, o que nos dá a sensação muito feliz da integração, do diálogo, e da alegre escolha pela não

pureza do gênero textual ou da forma, mas trazendo, o que também será escolha temática, a possibilidade do híbrido, da combinação, da massa.

A musicalidade da poesia argamassada com a cadência da prosa, torna a narrativa uma invenção estética profundamente autoral e, o registro, que longe de ser inocente ou mesmo ilustrativo das potencialidades literárias do autor, é a própria arte ditando as inúmeras possibilidades do fazer literário não clássico, mas agênero, provocador, livre, libertário.

Assim a história é contada quase como num musical, num béquer de misturas, sons, ritmos, cantos, batidas, beats, vozes, que nos leva a mergulhar na aventura de Ká e suas parças, comparsas do ritmo e da canção, para nos fazer caminhar num mundo de notas, versos, estrofes, rimas e vidas. O microfone ocupa os tubos de ensaio desse grande experimento literário e manda a letra:

Os meus ideogramas passam por tubos
de ensaio, eu os manipulo,
imprimo-me,
escrevo o meu corpo em pauzinhos,
o rap é de raiz
Quem não é visto não é lembrado
Deixar transparecer a ferramenta de trabalho
não é defeito em nenhum design
Tem baforada a inspiração, contra a névoa
da poluição, se liga meu irmão [...]. (GOMES, 2018, p. 21).

As vidas comuns, que através da música e dos sonhos são alegorizadas aqui em personagens complexas, que fazem parte desse mundo-aldeia tão importante para nosso autor, que é a periferia capixaba, nos convidam a viajar por uma fumaça clorídrica, prenhe de desejos de transformação, de vontades de fazer, de uma pureza quase primaveril na crença das possibilidades e da subversão que trazem nas aspirações de luta, de vivência, experiência e resistência, levando a narrativa a estar muito próxima daquelas produções para o público infanto-juvenil, que é leve em sua composição imagética, mas nem por isso frágil no comprometimento estético ou perene na função de denúncia e crítica.

Assim como em *The Get Down* (2016-2017), série musical estreada na Netflix e que ficou famosa pela composição estética na construção da história de amor de duas personagens em busca de viver seu conto de fadas contemporâneo embalado pelo sonho da carreira musical, misturada ao nascimento do movimento hip hop nos Estados Unidos e toda a denúncia das violências e opressões do sistema contra a possibilidade de ascensão política, econômica e social dos jovens negros e periféricos, estabelecemos o diálogo com *Nix, microfone por tubos de ensaio*, que traz em sua trama a história de Ká, uma jovem negra da periferia da grande Vitória que é assistente social, rapper, idealista, ativista e vive seu sonho de ascensão através da música, sempre num híbrido entre o sucesso pessoal e o comprometimento político e a responsabilidade social com os seus e a sua origem.

Como quase protagonista, as ações vão se desenrolando em torno da nossa personagem que com bom humor, vivacidade, encanto e magia traça sua alquimia rítmica e sonora em prol dos projetos sociais que acredita e realiza. Numa bela referência ancestral, Ká traz a força da música e do mar na sua identidade e cosmogonia. Ela é a musa, a deusa, a princesa, a mulher, a ativista, a tia, a mobilizadora, a que traz em seu próprio tubo de ensaio a existência de todos os desejos do mundo. Ká é Nix, a deusa grega da escuridão profunda, detentora dos segredos noturnos, controladora da vida e da morte, respeitada e temida pelos deuses e pelos homens. Uma bureta escoando líquidos sonoros de luta, força, pulsão, calor e inspiração.

Para a mais bela da Praia:

Vitória é um ovo, nada mais justo
Mas cuidado aí, Vix,
Que Nix já mudou pro número romano
Xiii, do XII pro XIV até queimaram na história
É, mas Nix só ama em número de mano
Porra, a aritmética no Egito foi às forras [...] (GOMES, 2018, p. 70).

No seu entorno temos Will, ex-namorado, amigo, advogado; Vivi, amiga e dj; Sandro, poeta e namorado; as crianças do abrigo onde Ká trabalha; a cidade; o

mar; a música; os sonhos; num radiografar, grafitar e pichar das circunstâncias e realidades, que se deslocam numa aventura poética e sonora para nos levar a conhecer o mundo do rap, da poesia, da cidade que inspira arte em suas casas culturais, da periferia e suas subjetividades, da identidade capixaba, da força da amizade, da sororidade e das agruras de viver na contracorrente do sistema.

O rap, como bem destaca Thiara Cruz de Oliveira no posfácio da obra, é a força propulsora da narratividade. É a personagem central. Toda a ação, clímax, conflitos, desenlaces circulam em torno desse protagonista, que assim como o carbono, é a força vital de toda substância literária e crítica da obra.

Nix, como narrativa escrita por um jovem negro e que traz no cerne de seu texto vários debates políticos e sociais, aborda a questão racial não como elemento central da produção discursiva, mas como oxigênio, como H₂O, como gás hélio, sendo então elemento que paira em sua presença evidente ao mesmo tempo volátil.

A voz narrativa constrói toda sua denúncia de uma maneira leve, firme, ativista sem ser panfletária, militante sem ser radical. Wagner Silva realmente usa sua pipeta e seu balão volumétrico para destilar sua escrevivência, em que a questão racial não é nem foco central, nem pano de fundo, mas é elemento essencial da criação estética e da proposta inventiva, imaginativa e de intervenção que a literatura possa ter e fazer.

Como proposta de experimento químico, temos uma amostra de substâncias caras ao tempo presente, que se monta nas fronteiras e na irrupção de devires, que se forja na práxis e na vivência como força motriz, e a literatura vai sendo processo alquímico de possibilidades, construções, invenções, transformações.

O pseudoromance, pois também é antologia poética e álbum musical, que cartografa experiências do agora sem se furtar a referenciar o pioneirismo de quem antecedeu e abriu os caminhos para que tal substância pudesse ser criada e recriada, fomenta a ancestralidade como estética e ética e desloca

protagonismos quando ousa criar na centralidade da ação o rap como elemento precioso da obra, que como diamante, precisa ser lapidado e polido.

A figura de Zacimba Gaba erigida como a pioneira de Nix no final da narrativa, coloca a história não contada da negritude no Espírito Santo e da figura da mulher negra ancestral capixaba como outra preciosidade, a pérola, que sendo material orgânico reinventado é a própria gema, gênese da potência que é a mulher, a música, a poesia, a luta, a resistência. Todos esses elementos femininos são exaltados na narrativa que, mesmo sendo escrita por um homem, em reconhecimento das suas limitações na construção de um texto “genuinamente feme-centrado”, provoca a alquimia e leva essas forças a juntarem-se para se tornarem uma mesma substância vital: a arte como estratégia de luta, enfrentamento e subversão ao senso comum e às formas cristalizadas do ser e do fazer.

É nesse microfone aberto que tal substância viaja, numa total miscelânea de cor, som, sabor, tom, onda, para chegar em corpos não dóceis e sedentos por visibilidade e encanto. Seguimos ouvindo e cantando e “a camisa de Ká é usada pelas ruas como se usam as de banda. Ela parece vestir a noite de tantas estrelas que tem noite que a Terra fica iluminada como o dia” (GOMES, 2018, p. 182).

Recebida em: 31 de julho de 2019.
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.